

## **MULHERES SEM ROSTO E OBLITERADAS NO CHÃO PATRIARCAL DO CONTESTADO: O PAPEL E ATUAÇÃO DA MULHER CABOCLA, PARA ALÉM DA LIDERANÇA FEMININA NA GUERRA DO CONTESTADO**

**Nilson Cesar Fraga<sup>1</sup>**

**Victória Jandira Bueno<sup>2</sup>**

**Heloísa Fernanda Muniz Silva<sup>3</sup>**

### **Resumo**

O presente trabalho versa sobre o papel das mulheres que atuaram durante a Guerra do Contestado, mostrando personagens femininos que antecedem a guerra, trazendo o debate sobre a permanência de algumas figuras icônicas do Contestado até o presente. É uma pesquisa exploratória baseada em fontes secundárias tendo como base o papel feminino no decorrer da história secular cabocla, assim como referências que tratam da mulher sertaneja cabocla. A obliteração do papel feminino na Guerra do Contestado exige o rompimento do silêncio imposto por fontes oficiais e relatos militares registrados durante o conflito ocorrido entre 1912 e 1916, oficialmente. O papel de liderança da cabocla Maria Rosa acaba centralizando o ensaio, mas o mesmo aponta outras mulheres que demandam estudos futuros para que melhor se possa entender o desenrolar da guerra e da formação socioterritorial do Contestado.

**Palavras-chave:** Guerra do Contestado; Mulheres Caboclas; Lideranças Femininas do Contestado.

### **INTRODUÇÃO**

A Guerra do Contestado é marcada, sobretudo, por uma gama de elementos que contribuíram para que a memória desse povo, sua cultura, tradição e a dinâmica de suas práticas

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina (UEL) – ncfraga@uel.br

<sup>2</sup> Estudante de Geografia. Bolsista de Iniciação Científica da Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná - victoria.bueno@uel.br

<sup>3</sup> Estudante de Geografia. Bolsista de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq - heloisafmunizz@gmail.com

sociais fossem lembradas como sinônimos de bravura, resistência e coragem, isso a partir do final do século XX, mais precisamente depois do final da última ditadura civil-militar-empresarial vivida no Brasil., pois até então, o movimento socioterritorial do Contestado era visto como um levante de uma horda de assassinos, fanáticos, desordeiros, dentre outros adjetivos, que já não condizem mais com a realidade que envolve os estudos sobre o tema.

Todavia, para que as vozes dessa população fossem silenciadas no decorrer de quase 100 anos desde o início dos conflitos, tanto o Estado, quanto a mídia e a história lançaram a culpa por toda a situação de que levou ao desenrolar de uma guerra e toda sua brutalidade, na conta da população cabocla que resistiu a entrada do capital, ao mandonismo dos coronéis e os interesses políticos regionais, construindo relatos históricos oficiais que escolheram o povo caboclo como responsável pelo processo beligerante (FRAGA, 2017).

Em toda a narrativa do Contestado percebe-se uma dualidade entre os relatos, de um lado a história oficial contada pelo poder político, que negligencia todas as condutas e práticas adotadas que culminaram no genocídio da população cabocla, enquanto do outro, estão aqueles que vivenciaram tamanha atrocidade na pele, e que buscam preencher as lacunas históricas desse movimento a partir da abertura de espaços para a reconstrução da memória desse povo, assim como a ressignificação da cultura cabocla que havia sido obliterada nesses últimos cem anos.

No que tange tal dicotomia e contradições sobre a população cabocla e a Guerra do Contestado, presente nos relatos históricos oficiais, há de se considerar o papel desempenhado pelas mulheres, visando reconhecer e identificar as contribuições de lideranças femininas e, mesmo, a atuação de outras mulheres que foram mais invisibilizadas do que as que tiveram papel de liderança. Para isso, é necessário segundo Maciel (2017), que haja uma aproximação de premissas teóricas literárias com o objetivo de promover a realidade dos fatos e disseminar a importância dessas mulheres no cenário bélico, que em suma foram esquecidos pelos autos oficiais.

Numa sociedade que carrega a misoginia e o patriarcado como característica da sua conjuntura social, não é difícil de imaginar que as condições das mulheres daquela época não

eram boas (como ainda não são), principalmente para as mulheres do campo e, depois, envolvidas em uma guerra de quatro anos. Ser mulher é sinônimo de vivenciar realidades desprovidas de direitos e de submissão aos homens, independentemente se esses são seus pais, maridos ou irmãos (ROSA, 2018).

A realidade de muitas mulheres nesse período foi de violência e intimidação. Não à toa que a mulher enquanto personagem está praticamente ausente de narrativas que apresentam um caráter bélico, já que os espaços desse cenário de conflitos armados e guerras acaba sendo ocupado tradicionalmente pelo homem (WEINHARDT, 2000). A mesma autora ainda aponta:

quer dizer, mulher, fora dos padrões eruditos da cultura, com fé religiosa, e pobre, só podia ser traidora e merecer reprovação. Imagine-se o espanto do tenente e de seus companheiros, todos mais ou menos signatários desses conceitos, quando uma mulher, “de revolver em punho”, mostrou-se disposta a enfrentar a metralhadora (2000, p. 91).

Dentre muitas mulheres que viveram e atuaram durante a Guerra do Contestado, Maria Rosa se destaca como a maior liderança feminina durante certo período. Dotada de valentia, bravura e coragem, alcunhas que lhe foram atribuídas no decorrer da história, mesmo por fontes oficiais, liderou a população cabocla durante os conflitos nos sertões do Contestado. Assim como Maria Rosa, outras mulheres como Francisca Roberta, conhecida popularmente como Chica Pelega, tida por historiadores atuais como uma lenda, e Theodora (a Figura 1 traz além dela, outras mulheres, meninas e jovens, sendo alimentadas para, depois, apartadas para o campos da degola) foram sinônimo de resistência nesse período, confrontando não só as tropas do Exército brasileiro, mas também as amarras sociais que as limitavam enquanto mulheres de briga, no seio dos redutos de resistência cabocla (MARCIEL, 2017).



Figura 1: Churrasco “oferecido” ao povo caboclo que se rendia, à direita, Teodora olhando para o chão, em movimento, como se retirasse de cena.



Parafraçando Vasconcellos (2000), Chica Pelega foi uma referência criada anos depois da guerra para representar a força, garra e valentia da mulher cabocla que lutou no Contestado. E assim como Chica e Maria Rosa, não podemos esquecer das demais mulheres que mesmo “sem nome” fizeram parte do movimento por meio dos numerosos papéis que desempenharam, contribuindo para a construção do legado feminino durante a guerra.

O papel, a bravura e resistência dessas mulheres, em sua grande maioria, não fazem parte do escopo investigativo presente nos relatos oficiais. São atribuídas a elas apenas papéis de submissão e conformismo, como se isso fosse uma regra geral que todas tivessem que acatar e aceitar passivamente, mas seus papéis de atuação são bem superiores a isso. Mesmo que elas

possuam o seu lado mãe e todas as preocupações que são desencadeadas nessa posição, ou quem sabe seu lado esposa e companheira, isso não reduz o papel de muitas das mulheres da Guerra do Contestado, meramente ligadas a tais funções (MARCIEL, 2017).

Evidenciar o lado forte, íngreme e compacto das mulheres principalmente em cenários desafiadores como o do Contestado se faz necessário e deve estar cada vez mais presente nas discussões contemporâneas, principalmente em um cenário marcado pelo patriarcado e pela misoginia que carrega consigo preconceitos e distorções acerca do que é ser mulher na sociedade, seja a do passado, assim como as suas releituras. A partir disso, o presente estudo tem como objetivo principal propor considerações acerca dos diferentes papéis desempenhados pelas mulheres dentro do cenário da Guerra do Contestado, deixando de lado a postura passiva e praticamente ausente contida nos relatos oficiais, promovendo a força da mulher ativa e presente, carregada de valentia, liderança e coragem.

Partindo do pressuposto da análise de relatos e de pesquisas que abordem a temática em pauta, foi desenvolvido o caráter qualitativo a fim de obter informações mais detalhadas sobre as discussões recorrentes apresentadas nas bibliografias, compreendendo a qualidade de suas propostas de diálogos e sua importância frente ao cenário da mulher cabocla no Contestado.

A metodologia foi desenvolvida por meio de pesquisas em fontes secundárias, fundamentada em revisão de literatura, compreendendo o levantamento bibliográfico referente à mulher, à importância dos diferentes papéis desenvolvidos dentro do movimento sertanejo do Contestado e ao escopo investigativo da ciência geográfica frente a abordagens envolvendo gênero, cultura e as questões sociais apresentadas.

Após uma análise envolvendo abordagens que retratam o papel e a contribuição da mulher sertaneja diante o cenário da Guerra do Contestado, foi observado que perante os relatos oficiais dificilmente encontraríamos uma narração que promovesse uma posição de liderança e protagonismo da mulher. Isso claramente se deve ao fato de que nessas narrativas, os lugares de fala dos relatos eram ocupados por homens, esses que em sua grande maioria compunham o desumano e cruel exército brasileiro, responsável pelo massacre da população cabocla.



Se ainda hoje em pleno século XXI, presenciamos situações deploráveis e repugnantes enfrentadas por muitas mulheres, quem dirá na segunda década dos anos 1900. Seria óbvio imaginar que esses relatos excluíssem a prática de condutas intimidadoras e violentas promovidas por esses oficiais, e claro, dariam voz a um cenário heroico e brilhante, tendo na figura masculina o reflexo de tamanha valentia e coragem, já que para essa sociedade desigual, são os homens que podem e devem desempenhar grandioso papel central.

Uma sociedade que desde seus primórdios prega que a mulher é sinônimo de fragilidade e passividade, o tão conhecido “sexo frágil”, não ousaria promover e disseminar a resistência e os muitos papéis centrais de liderança que foram desempenhados por mulheres. Imagina uma narrativa contendo de um lado um exército regado a armas, canhões e bombas, enfrentando uma população sertaneja em combate que detinham em mãos apenas espingardas, lanças e facões, sendo ainda grandiosamente liderados por mulheres. Isso certamente seria contra a qualquer conduta correta que uma mulher, principalmente naquela época deveria desempenhar enquanto sujeito, e, portanto, ficaria ausente da história oficial, cabendo a elas apenas papéis e funções secundárias, inexistentes de qualquer possibilidade que promovesse a liberdade feminina.

O machismo estrutural, atrelado a misoginia e a um modo patriarcal de enxergar as realidades, destinou à mulher apenas funções domésticas, secundárias ou com um baixo valor de contribuição nesses combates, restando pouquíssimas narrativas que abordassem de maneira central a figura feminina frente a cenários bélicos, como do Contestado. As poucas informações oficiais acabam deixando de lado qualquer postura que promova um protagonismo feminino frente as adversidades enfrentadas, na figura 2, observa-se a figura de três “virgens” ladeando o terceiro monge, José Maria, fato que contribuiu secularmente, para a construção do imaginário da mulher submissa atuante no Contestado.

Figura 2: José Maria ladeado por “virgens”.



Fonte: Autoria desconhecida, década de 1910.

O fato de não constar nos relatos oficiais não garante que não existiram protagonismos femininos no Contestado, muito pelo contrário apenas reforça o que a sociedade busca esconder, que a força e garra da mulher sempre existiram e que independentemente da situação desfavorável que as acompanham ao longo dos anos, da opressão e difamação que sofrem, sempre existem aquelas que quebram os padrões e regras impostas, lutando por sua liberdade, mesmo que a sociedade tente silenciar sua luta em busca de autonomia

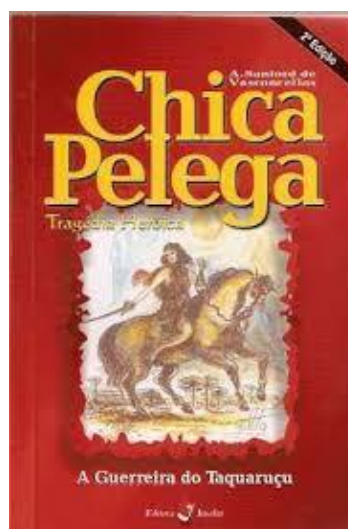
Por isso, para relatarmos esse tipo de abordagem foi necessário buscar uma aproximação da literatura não oficial, no sentido de reconhecer e identificar o papel da mulher esquecido pelos autos oficiais. Para evitar uma imagem reducionista da figura feminina dentro do Contestado devemos salientar todos os papéis exercido pelas mulheres, de meninas a mulheres, de caboclas a



estrangeiras, de puritanas a violentas, das guerreiras as submissas, evidenciando os diversos personagens a quais estão submetidas (MARCIEL, 2017, p. 147).

Algumas figuras femininas se destacaram na Guerra do Contestado e, por conta disso, elas parecem mesmo nos relatos oficiais e na história oficial catarinense, paranaense e brasileira. Os maiores destaques se dão a partir de Maria Rosa, alcunhada como Joana D'Arc do Sertão, seguida por Chica Pelega, mesmo que essa não possua informações documentais substanciais, não se caracteriza como uma mulher invisível, pois fora transformada em lenda, em um mito feminino nos sertões do Contestado. E Teodora, essa última negou “tudo” em entrevistas posteriores a guerra, provavelmente para evitar maiores perseguições pelo fato de ter vivido e atuado nos redutos de resistência cabocla. As figuras 3 e 4 mostram a existência e a permanência de Teodora e de Chica Pelega, a primeira real a segundo, transformada em literatura.

Figuras 3 e 4: Teodora e Chica Pelega



Fonte: Maurício VINHAS DE QUEIROZ (2017, p. 317) e Aulo Sanford VASCONCELLOS (2008, capa).

Na obra *Maria Rosa: Fome, Fé e Resistência na Guerra do Contestado* (2017), Marcelo Johny Maciel, traça um importante estudo acerca da formação das lideranças do povo caboclo durante a



Guerra do Contestado, mas indo além disso, enfocando no entendimento da mentalidade e construção da disposição da comunidade frente ao aparelhamento político sul brasileiro para em seguida, abranger e abonar o procedimento formativo que envolvem, principalmente, as ações políticas de Maria Rosa (Figura 5), que segundo o autor, embasado na parca produção sobre a personagem adolescente que teve papel de liderança em uma das fases mais decisivas do Contestado não se abrevia a representação dos interesses de pequenos grupos influentes por intermédio de valores míticos legalizados nos principais trabalhos que abeirar-se ao tema em questão, rompendo as avaliações conservadoras sobre o Contestado e suas lideranças.

Figura 5: Pintura que destaca Maria Rosa encantada com os Pares de França, sua guarda de proteção.



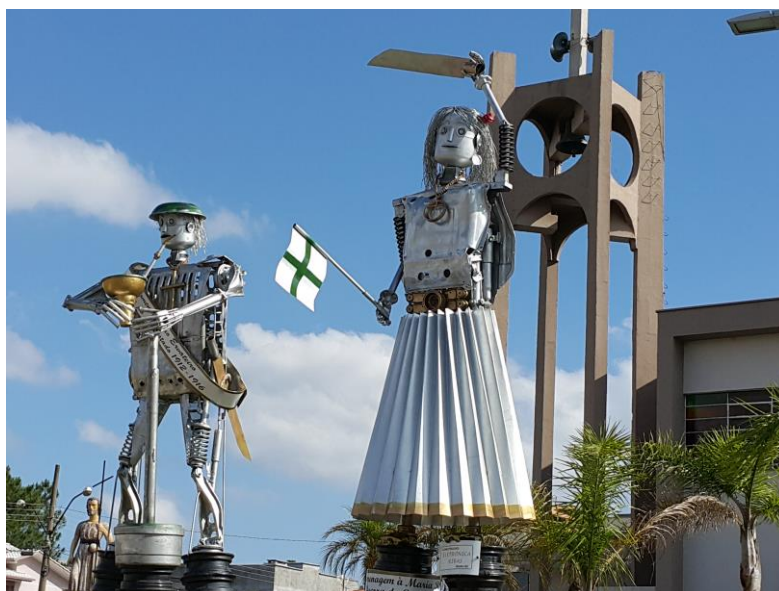
Fonte: Willy Zumblick, aprox. meados da década de 1950.

Mesmo em uma das produções clássicas sobre a Guerra do Contestado, Vinhas de Queiroz (1977, p. 151), apresenta a líder cabocla para além das possibilidades de ser verificar apenas uma mulher submissas aos padrões da sua época:

Com seus 15 anos aproximadamente exerceu liderança na Guerra, suas ações não se limitavam a orações ou visões, pelo contrário, determinava quem poderia ou não adentrar-se ao reduto, comandava e lutava em conflitos além de dispor de funções estratégicas e de execução em casos de traição.

Além dela, Marciel (2017), apresenta uma série de outras mulheres passíveis de pensarem as ações sobre o mundo social de sua época. Na obra, o autor traz personagens como Dona Emma, Damazia de Oliveira, Dona Galdina, Brazilia Pellete, Geronima Candida do Nascimento, Benedita dos Santos Quadros, Senhora Balbina, Dona Carminha Limôa Chaves, Francisca Maria da Silveira, Francisca Simô de Lima, além de Teodora, Chica Pelega e a lendária figura de Maria Rosa, erigida em monumento, na cidade do Irani, em Santa Catarina, em 2018 (Figura 6).

Figura 6: **Homenagem a Maria Rosa e Ervateiro, Terra do Contestado, em Irani, SC.**



Fonte: Gilmar Fernando Ribas (2018).



A importância de Maria Rosa ultrapassa o século XX e chega ao século XXI

“Abelito o sr. Henrique Wolland, de commandante dos doze pares de São Sebastião da irmandade delle e tendes hordes para ir em Papanduva, Iracema, Lucena e Rio Negro, Campo Alegre município de Joinville e Blumenau para fazer guarda e trancar as estradas destes logares pra combater com os pelludos onde encontrar, quando tiver com percisão de gente combina com outros comandantes, pede ajutório também podendo resgatar de tudo que for perciso para a irmandade, principal almamento e colocar comandante aonde axar necessários. Sendo voluntário tudo e que não abuzes as hordes e tenha fé em Deus e São Sebastião e São João Maria de Agostinho e São José de Maria, que tudo é nada. Maria Rosa, virgem”.

Os sertões do Contestado foram palco de acontecimentos fervorosos e testemunharam a ousadia de numerosas mulheres que assumiram diferentes funções dentro do desenrolar da guerra, e que de algum modo foram cruciais nas articulações fora dos redutos. Se de um lado tínhamos a normalização do engajamento feminino pautado em funções domésticas e maternas, do outro estava a simbologia em conseguir explicar por meio das cartas as reais condições e enfrentamentos que pudessem vir acontecer, fazendo da mulher nesse caso, peça chave na construção de estratégias de defesa e fuga dessa população cabocla frente ao Exército. Desempenhando essa função distinta, temos Dona Emma, que mesmo servindo de porta voz entre membros do movimento, ao negar qualquer articulação sua com os demais, mais uma vez tira uma carta da manga e mantém seu filho e próximos protegidos da violência dos tenentes e coronéis (MARCIEL, 2017, p. 147).

Em outros casos como de Dona Galdina, mulher e mãe de Damazia e Brasília, o desenrolar dos acontecimentos acabam apresentando um caráter um tanto quanto triste e violento, mas que era “comum” naquele cenário, o estupro. Apesar dessa atitude deplorável adotada por muitos soldados da época, tamanha atrocidade era designada como “instintos bestiais” o que acabava garantindo um afrouxamento da culpa desses militares e transcorria para “as mulheres violentas e rebeldes” que na ausência de uma figura masculina, sejam pais, irmãos ou esposos, precisavam ser controladas e detidas (MARCIEL, 2017, p. 148-149).

Fato esse deixa claro mais uma vez a injúria que o machismo e o patriarcado promovem a essas mulheres, e como infelizmente condutas como essas são normalizadas. Nesse sentido, temos esse infame e retrógrado cenário enfrentados por muitas, mas que em contrapartida há de se lembrar também a valentia e resistência que as mesmas adotavam para se proteger e fugir das garras dos oficiais. Muitas passavam horas em lutas constantes para escaparem e garantirem a sua segurança e das demais, resistindo a qualquer invasão promíscua que pudessem estar sujeitas. Aqui não temos apenas o papel de vítima que essas mulheres ocupavam, mas também o lugar da coragem, bravura resistência e força que as mesmas vestiam a fim de evitar a violação de seus corpos.

Dona Geromina desempenha aquele papel crucial de proteção. Não se deve reduzir sua postura como algo passivo ou de desencorajamento, mas sim como ação estratégica e articulada que ao se silenciar perante as autoridades, garantiu a sua liberdade e a de seu esposo, mesmo contendo indícios nos autos que os colocassem como suspeitos. Mais uma vez um silenciamento estratégico resultando numa suposta segurança, mesmo que momentânea (MARCIEL, 2017).

Já no caso da Dona Benedita percebemos a autoridade exercida pela noiva de seu filho, o que não era comum para época, já que o poder de decisão normalmente estava atrelado aos homens. Mas neste caso, quando interrogada, Benedita afirma que seu filho e esposo optaram por livre vontade se juntar ao movimento sertanejo, sem expor muitos detalhes, talvez para que não viesse a comprometê-la. Ainda assim, fica evidente a relevância da mulher nessa ocasião, fazendo com que o esposo se rendesse aos seus ideais, se juntando a ela e a sua família de sertanejos, colocando em evidência a força e autoridade exercida por uma mulher diante um cenário totalmente desfavorável a ela (MARCIEL, 2017).

Outras mulheres como a senhora Balbina, Dona Carminha e as ambas as Franciscas também deixaram sua contribuição. Ora utilizando suas casas como entreposto, servindo de local para a confecção de materiais para os sertanejos, ora relatando as realidades encontradas nos redutos, bem como o funcionamento de comércios locais e redes de distribuição. Muitas dotadas de um engajamento crítico e realista no que desrespeito a organização social, precariedades e



deficiências dos sertanejos em enfrentarem problemas políticos, beneficiavam com sua coragem e valentia o enfrentamento de questões que estavam atreladas ao medo e a insegurança (MARCIEL, 2017).

Enfim, são muitas as mulheres que fizeram parte do processo de resistência na campanha no Contestado junto aos homens de sua época, e que devem ser tiradas do esquecimento e demonstrado seus papéis durante o movimento sócioterritorial do Contestado. Mesmo havendo necessidade de cautela para que tais figuras não sejam explanadas como exceções ou fruto de manipulações, e para isso é imperativo considerar que o Contestado nada mais é que fruto de um processo político intrincado precedente ao acontecimento que levaram a guerra, mas que foi nesses sertões dentro das desventuras exibidas, que acabou se avivando.

Marcelo Johny Maciel (2017), amplia o leque de pensar o papel, atuação e (re)existência de numerosas mulheres no movimento socioterritorial do Contestado, para além da guerra, mas desde antes dela e, mesmo, posteriormente, pois muitas dessas personagens seguem sendo lembradas contemporaneamente, a exemplo da Maria Rosa, a personagem mais forte dentre todas as mulheres do Contestado.

Para atualizar a questão das mulheres do Contestado, há que se mencionar o papel do Acampamento Maria do Contestado, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem terra (MST), que a mais de meia década atua e resiste na luta pela terra e na produção da mesma, no município de Castro, no Paraná, distante quase 350 quilômetros da localidade onde Maria Rosa tornou-se líder da resistência cabocla, hoje em Caraguatá, no município de Trombudo do Contestado (Lebon Régis), no Meio-Oeste catarinense. A partir do sítio do MST (2020), é possível verificar o processo de formação, atuação e resistência deste acampamento de luta pela Reforma Agrária no Sul do país, que tem Maria Rosa e a “sustentabilidade” secular do modo caboclo de usar a terra, como princípios norteadores:

A terra do Maria Rosa do Contestado, em cinco anos de ocupação, deixou de ser uma área que, embora de propriedade pública, da União, foi grilada por décadas por fazendeiros ligados à Fundação ABC, à frente das cooperativas de

laticínios locais, como a Castrolanda, a Frísia, Copal, Coopagrícola e do Centro de Treinamento de Pecuaristas de Castro – CTP, intoxicada à exaustão pelos métodos empregados pelo trato tradicional dos holandeses na região, para se tornar um espaço da reforma agrária popular, certificado em toda a sua extensão pela Rede Ecovida por apresentar uma produção de alimentos 100% agroecológica.

Desde o início da ocupação, sob a orientação da direção estadual do MST, as famílias acampadas no Maria Rosa tomaram a decisão de produzir alimentos sem veneno para poderem se contrapor também ao modelo nocivo e concentrador que é aplicado no restante da área de 440 hectares da antiga fazenda Capão do Cipó.

Para isso, aprenderam e aprimoraram técnicas da produção agroecológica (MST, 2020).

Ao escolher o nome de Maria Rosa para um Acampamento da Reforma Agrária, os/as acampados/as em Castro, paraná, abrem possibilidades para pensar o geográficamento do mundo a partir do papel feminino, abrindo portas para a ampliação dos debates sobre gênero na ciência geográfica, a Geografia sobre o primas do feminismo e as questões de gênero sobre o cotidiano da Geografia. A necessidade e o avançar dos estudos de gênero na geografia brasileira são urgentes, sobremaneira quando temos numerosas possibilidades analíticas, que sejam a partir do sertão que envolveu a Guerra do Contestado, pois o papel das mulheres permite dialogar interdisciplinarmente com outras áreas das ciências humanas, incluindo desde o papel das ditas mulheres fantásticas guerreiras do Contestado, até as mulheres mais simples do cotidiano do mundo caboclo em plena período beligerante.

Desta maneira, outra mulher cabocla que merece ser mencionada, é benzedeira, rezadeira e parteira, Nhá Jacinta, tida até hoje pela população remanescente cabocla como “santa”. Nhá Jacinta também é conhecida na região do Contestado pelo nome de Nhá Emídia ou Nega Emídia, sendo ela uma cabocla que Três Barras, Santa Catarina, na época do Contestado. Famosa por fazer benzimentos e rezas para os sertanejos, as fontes orais que perduram até hoje na região dizem que ela tinha o poder de cura e de trazer crianças ao mundo. Nhã Jacinta ultrapassa o tempo secular se mantendo como uma "santa" popular, mesmo sem ser canonizada e tendo uma vida vulgar como qualquer cidadão e cidadã da sua época. Sua fama permanece regionalmente,



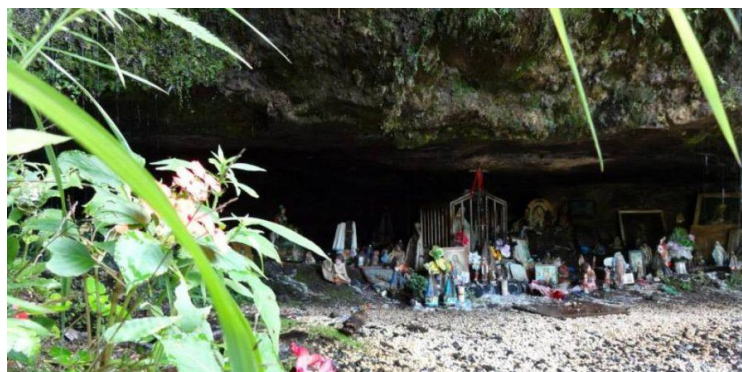
fazendo com a gruta onde vivia, seja um destino de peregrinação e pagamento de promessas pelos milagres atribuídos a ela.

A exemplo de outras mulheres caboclas que marcaram o sertão do Contestado, há poucos registros, sobretudo bibliográficos, que possam servir de fontes de pesquisa científica. Mas as recordações e memórias populares do povo caboclo, mantem viva sua história e seu papel social. A gruta onde vivia Nhá Jacinta é um ponto referencial no município de Três Barras, um dos centros mais importantes relacionado a entrada do capital estrangeiro imperialista que culminou com a Guerra do Contestado, sendo atualmente denominado de Santa Emídia se localiza em Rio do Tigre, não distante do centro urbano, sendo que neste local, versa a lenda que ela teria abrigado o profeta/monge São João Maria de Agostinho, personagem de devoção cabocla em praticamente toda a região Sul do Brasil, nas figuras 7 e 8 é possível ver a imagem de Nhá Jacinta e a gruta onde a mesma vivia, hoje ponto turístico regional.

**Figuras 7 e 8: Nhá Jacinta e a Gruta onde vivia ponto turístico do Vale do Contestado.**



Fonte: JMais/Fátima Santos, 2020.



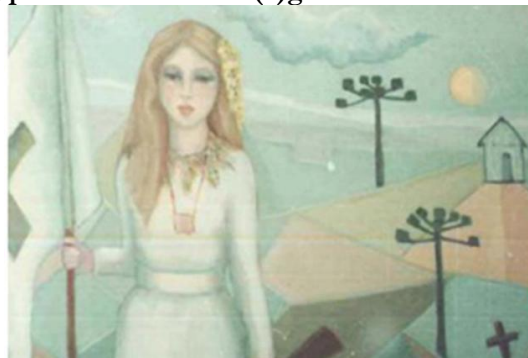
Os registros sobre a memória de Nhá Jacinta, ou Nhá Emídia, ou Santa Emídia, ou Nega Emídia, ou Nega Jacinta, dentre as diversas possibilidades de denominações que registram a existência dessa mulher cabocla são mais fortes e contundentes por ter vivido e presenciado no

início dos anos de 1910, a instalação da empresa Souther Brazil Lumber & Colonization Company, sendo possível ligá-la ao atendimento de muitas pessoas que trabalhavam nessa companhia, que se localizava próximo da gruta onde vivia a cabocla idosa, mesmo que a madeireira estrangeira tivesse trazido para Três Barras um hospital moderno com equipamentos técnicos e pessoal de enfermagem e medicina. Nhá Jacinta seguia fazendo seus benzimentos, rezas, partos e curava doentes mesmo havendo hospital e pessoal formado para curar as doenças e ferimentos dos trabalhadores da Cia. Lumber. Sua fama e os poderes de cura de milhares de caboclos e caboclas que passaram por suas rezas e mãos, fazem dela uma santa popular sertaneja do povo caboclo, como marco da existência de uma civilização cabocla no sertão, onde tantas mulheres foram invisibilizadas e silenciadas no tempo e no espaço.

Nem todas as mulheres do Contestado caboclo tiveram a sorte de ter um registro fotográfico, a exemplo de Teodora e de Nhá Jacinta, dentre elas, a mais famosa de todas as caboclas do Contestado, Maria Rosa, a Joana D'Arc do Sertão, não possui registro fotográfico, permitido que no decorrer de mais de um século desde o final da Guerra do Contestado, tenha sido tema de uma considerável profusão de olhares artísticos, sobretudo músicas, poemas, romances e pinturas, como as contidas nas figuras 9 e 10, que apresentam duas possibilidades de se ver o rosto e a figura icônica da guerrilheira cabocla do sertão, sendo que a imagem mais famosa e usada é a contida na figura 5, apresentada anteriormente, onde há uma aura de santidades sobre a menina-guerreira, tal qual como a própria Joana D'Arc francesa, diferentes, ainda, das outras mulheres do Contestado apresentadas por Marciel (2017).



Figuras 9 e 10: Maria Rosa, a Joana D´Arc do Sertão, pintada como santa(e)guerreira



Fontes: Rita Petrykowski Peixe, s/d e Leandro Vitto, s/d.

Falar, pesquisar, analisar e colocar as mulheres caboclas do Contestado no seu papel social é uma tarefa complexa, sobretudo, por conta da falta de fontes bibliográficas ou mesmo de suas biografias, que se perderam secularmente no tempo, pois o povo caboclo teve voz para lutar contra a investidas legalistas que defendiam os interesses imperialistas internacionais que lhes tomava a terra ancestral, mas não teve acesso a escrita, então não conseguiu deixar memórias, apenas as histórias marcadas pela oralidade dos sobrevivente do massacre-genocídio dos anos de 1912-1906. Assim, a maioria dessas mulheres não possui rosto, não possui voz e são contadas e reverenciadas pelos causos nas oralidades das memórias caboclas, a exemplo de Maria Rosa. Por conta disso, há certas liberdades para que artistas pintem tais mulheres, dando-lhes rosto, como olhares santificados, como o da figura 9 e da tristeza e sofrimento da guerra, representado na figura 10. Ou mesmo, conectando-a santa e guerreira francesa, transformando a Maria Rosa do Sertão Caboclo do Contestado, na Joana D´Arc do Sertão.

Mesmo sem rosto, ou a partir dos rostos que a arte lhe dá, Maria Rosa se torna mais famosa do que muitas mulheres que fazem parte da formação socioterritorial brasileira, ampliando os espaços femininos sobre o país, que insiste em manter suas heroínas invisíveis e silenciadas, no imenso território continental do patriarcado e da misoginia que constitui o Brasil. Sendo ela(s) mulher(es) que fizeram muito barulho em sua(s) época(as) aqui no mundo

ocidental machista, como diria Martinez (1995, p. 13), : o medo do feminismo é similar ao medo dos extraterrestres, tendo ambos suas raízes no temor ao desconhecido, na ansiedade em torno da mudança. São mulheres como Maria Rosa e Chica pelega, principalmente elas quando se fala sobre o Contestado, que causam desassossego social nos seus tempos de ação sobre os territórios de defesas suas vidas.

## Referências

AMADO, Janaína. **Região, Sertão, Nação**. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, RJ. Vol. 8, 1995, p. 145-151.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 2007.

FRAGA, Nilson Cesar. **Geografias de tempos de dominação e barbárie: os movimentos socioterritoriais e as escolhas geográficas que negligenciam a formação territorial do Brasil**. In: A Dimensão política no espaço: conflitos e desigualdades territoriais na sociedade contemporânea. Organizadores: Flamarion Dutra Alves [et al.]. Alfenas, MG: Editora Universidade Federal de Alfenas, 2019, p. 84-114.

FRAGA, Nilson Cesar. STRADIOTO, Paulo Alessandro. **Geografia Jurídica do(no) Contestado: o processo contra Adeodato Manoel Ramos, 1917, na Comarca Curitibaanos**. Alfenas, MG, 2019.

FRAGA, Nilson Cesar. Turismo de Guerra: a possibilidade de novo tipo de turismo para o Brasil. Marco inicial – guerra do Contestado (1912-1916). **Revista PerCurso: Curitiba em Turismo**, 2002, ano 1, n. 1, p. 43-76.

FRAGA, Nilson Cesar. Contestado: A Grande Guerra Civil Brasileira. In: REZENDE, C. J; TRICHES, I. **Paraná, Espaço e Memória** – diversos olhares histórico-geográficos. Curitiba: Ed. Bagozzi, p. 228-255, 2005.

FRAGA, Nilson Cesar. **Mudanças e permanências na rede viária do contestado: uma abordagem acerca da formação territorial no Sul do Brasil**. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba – PR, p.188, 2006.



FRAGA, Nilson Cesar. **Contestado em Guerra: 100 anos do massacre insepulto do Brasil.** Florianópolis: Editora Insular, 2012.

FRAGA, Nilson Cesar. Um território de invisibilidade e miséria: cem anos da maior guerra camponesa da América do Sul. In: Arno Wehling; Augusto César Zeferino; Aureliano Pinto de Moura; Gunter Axt; Helen Crystine Sanches. (Org.). **100 Anos do Contestado: memória, história e patrimônio.** Florianópolis: Ministério Público de Santa Catarina, 2013, p. 369-392.

FRAGA, Nilson Cesar. **Matos Costa, desde São João dos Pobres, um brilhante município planaltino no Contestado catarinense.** 2013. Disponível em: <<http://desacato.info/matos-costa-desde-a-sao-joao-dos-pobres-um-brilhante-municipio-planaltino-no-contestado-catarinense/>>. Acesso em: 27 jul. 2020.

FRAGA, Nilson Cesar. **Timbó Grande, o último reduto** – Município planaltino do Contestado Catarinense, cidade das meninas de lábios de mel. 2014. Disponível em: <<http://desacato.info/timbo-grande-o-ultimo-reduto-municipio-planaltino-do-contestado-catarinense-cidade-das-meninas-de-labios-de-mel/>>. Acesso em: 12 jul. 2020.

FRAGA, Nilson Cesar. **Vale da Morte: o Contestado visto e sentido** - "entre a cruz de Santa Catarina e a espada do Paraná". Blumenau: Editora Hemisfério Sul, 2015.

FRAGA, Nilson Cesar. **Semana do Centenário do Massacre de Santa Maria, Timbó Grande** (22 de março de 2015). Disponível em: <<http://desacato.info/semana-do-centenario-do-massacre-de-santa-maria-timbo-grande/>>. Acesso em: 27 jul. 2020.

FRAGA, Nilson Cesar. **A Guerra do Contestado como crime contra a humanidade: o direito à terra e à vida** - (in)certezas sobre o mundo caboclo. FÖETSCH, Alcimara Aparecida; GEMELLI, Diane Daniela; Buch, Helena Edilamar Ribeiro (Org.). Geografia do Contestado: 50 anos de fazer Geográfico. Curitiba: Íthala, 2016, p. 29- 44.

FRAGA, Nilson Cesar. **Contestado, cidades, reflexos e coisificações geográficas.** Florianópolis: Editora Insular, 2016.

FRAGA, Nilson Cesar. **Contestado, o território silenciado.** Florianópolis: Insular, 2017a.

FRAGA, Nilson Cesar. **Contestado: redes no Geográfico.** Florianópolis: Editora Insular, 2017b.

FRAGA, Nilson Cesar. **Territórios e Fronteiras: (Re)arranjos e Perspectivas.** Florianópolis: Editora Insular, 2017c.

FRAGA, Nilson Cesar. Araucaria angustifolia - ganância, imediatismo e extermínio na região do Contestado. In: Nilson Cesar Fraga. (Org.). **Contestado, o território silenciado**. 2ª ed. Florianópolis, SC: Insular, 2017, p. 269-296.

FRAGA, Nilson Cesar. **Território e Silêncio**: contributos reflexivos entre o empírico e o teórico. In: Nilson Cesar Fraga. (Org.). Territórios e Fronteiras: (Re)arranjos e Perspectivas. 2ª ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2017, p. 73-90.

FRAGA, Nilson Cesar. **A Cidade Coração do Contestado, história, presente e desafios**. 2018. Disponível em <<http://jornalcaboclo.com.br/index.php/2018/01/25/coracao-do-contestado-o-reconhecimento-e-os-desafios-de-um-municipio-catarinense-palco-central-da-guerra-do-contestado-por-nilson-cesar-frag/>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

FRAGA, Nilson Cesar. **Coração do Contestado**: o reconhecimento e os desafios de um município catarinense, palco central da Guerra do Contestado. 2018. Disponível em: <<http://desacato.info/coracao-do-contestado-o-reconhecimento-e-os-desafios-de-um-municipio-catarinense-palco-central-da-guerra-do-contestado/>>. Acesso em: 27 jul. 2020.

FRAGA, Nilson Cesar. **Dossiê Vale do Contestado**. Ouvidoria do Ministério Público de Santa Catarina. Manifestação n. 20.28.1308.0029282/2019-16, 2019b, 38 p.

FRAGA, Nilson Cesar. **Vale do Contestado, uma morte anunciada, em julho de 2019, pelos que não aceitam a existência da cultura cabocla**. 2019. Disponível em: <<http://desacato.info/vale-do-contestado-uma-morte-anunciada-em-julho-de-2019-pelos-que-nao-aceitam-a-existencia-da-cultura-cabocla/>>. Acesso em: 28 jun. 2020.

FRAGA, Nilson Cesar. **Vale do Contestado, uma morte anunciada, em julho de 2019, pelos que não aceitam a existência da cultura cabocla** (02 de setembro de 2019). Disponível em: <<http://desacato.info/vale-do-contestado-uma-morte-anunciada-em-julho-de-2019-pelos-que-nao-aceitam-a-existencia-da-cultura-cabocla/>>. Acesso em: 27 jul. 2020.

FRAGA, Nilson Cesar. **Território do Contestado - Sul do Brasil**: a Civilização Cabocla e a Guerra do Contestado. 2020. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=AvWvpdJIP1s&feature=youtu.be&fbclid=IwAR0DJa0jA1g206V5BtzNS3aTo7Yut3jYE30HuaXQavVDE\\_JTUuw3qLBjAA](https://www.youtube.com/watch?v=AvWvpdJIP1s&feature=youtu.be&fbclid=IwAR0DJa0jA1g206V5BtzNS3aTo7Yut3jYE30HuaXQavVDE_JTUuw3qLBjAA)>. Acesso em: 27 jul. 2020.

FRAGA, Nilson Cesar; HOBAL, Michele Aparecida; FERNANDES, Rafael Carlos Prieto. Turismo de Guerra – o roteiro turístico como elemento de desenvolvimento local e regional para o interior na perspectiva de que o “Brasil oferece mais do que praias e carnaval”. Curitiba. **PerCurso: Curitiba em Turismo**, Faculdades Integradas Curitiba, a. 5, n. 5, 2006, p. 137-186.



FRAGA, Nilson Cesar; GOLÇALVES, Cleverson. **Timbó Grande, o último reduto do Contestado**: um território de muitas batalhas. In: Contestado: cidades, reflexos e coisificações geográficas. Org. FRAGA, Nilson Cesar. Florianópolis: Editora Insular, 2016.

FRAGA, Nilson Cesar; GONÇALVES, Cleverson; CAVATORTA, Mateus Galvão. Contestado: o sagrado e o profano de uma guerra secular. **Geografia (Londrina)**, v. 26, n. 1, p. 143-157, 2017.

FILHO, Fadel David Antonio. **Sobre a palavra “Sertão”: Origens, significados e usos no Brasil (do ponto de vista da ciência geográfica)**. In: Ciência Geográfica. Bauru, SP. Vol. 15, 2011

HAESBAERT, Rogério. **Território, cultura e des-territorialização**. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto L. (Org.). Religião, identidade e território. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

JMAIS. **Consulta Pública vai discutir conservação de gruta** (04/07/2016). Disponível em: <<https://www.jmais.com.br/consulta-publica-vai-discutir-conservacao-de-gruta/>>. Acessado em 14 Nov. 2020.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **O Sertão**. In: Terra Brasilis. 2003. Disponível em <<http://terrabrasilis.revues.org/341>>. Acessado em 03 Jul. 2020.

MST. **Defender o Maria Rosa do Contestado é reafirmar nossa humanidade**. Disponível em: <https://mst.org.br/2020/08/20/artigo-defender-o-maria-rosa-do-contestado-e-reafirmar-nossa-humanidade/>, acessado em 14 Nov. 2020.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **O Messianismo e Conflito Social (A Guerra Sertaneja do Contestado: 1912-1916)**. 2º ed. São Paulo, SP. Ática, 1977.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia de Poder**. São Paulo, SP. Ática, 1993.

VASCONCELLOS, Aulo Sanford de. **Chica Pelega - a guerreira de Taquaruçu**. Florianópolis: Editora Insular, 2008.